

ENSINO DA LÍNGUA INGLESA EM TEMPOS DE ENSINO REMOTO

ENGLISH LANGUAGE TEACHING IN REMOTE TEACHING TIMES

Astrogilda Silva de Oliveira¹
Carlos Henrique da Silva Santos²
Fabiana Angelo³
Lorraine Rossmann Gonçalves⁴
Gisele Carolina de Lima e Silva⁵

RESUMO: A educação na pandemia passou a pautar as discussões de especialistas na área, pois o ensino remoto se tornou o caminho para manutenção dos alunos na prática e no aprendizado escolares. Os professores de Língua Inglesa da educação básica tiveram que adaptar as suas estratégias para o ensino remoto, para promover a aprendizagem dos alunos. O objetivo geral deste estudo é discutir sobre a prática de ensino de Língua Inglesa na modalidade de ensino remoto. Este estudo se qualifica como uma pesquisa bibliográfica. O desenvolvimento deste estudo se embasa na importância de se repensar as práticas e pedagógicas e todos os componentes do processo de ensino-aprendizagem neste cenário de pandemia de novo coronavírus. O ensino de língua inglesa na modalidade ensino remoto passou por modificações em suas práticas pedagógicas, em decorrência do distanciamento social decretado na situação pandêmica do novo coronavírus no país.

Palavras-chave: Ensino Remoto. Tecnologia da Informação e Comunicação. Aprendizagem no Ensino Remoto. Ensino da Língua Inglesa.

ABSTRACT: The education in the pandemic began to guide the discussions of experts in the area, as remote teaching became the way to keep students in school practice and learning. Basic education English language teachers had to adapt their strategies for remote teaching to promote student learning. The general objective of this study is to discuss the practice of teaching English in the form of remote teaching. This study qualifies as a bibliographic research. The development of this study is based on the importance of rethinking practices and pedagogies and all components of the teaching-learning process in this pandemic scenario of a new coronavirus. The teaching of English in the remote teaching modality has undergone changes in its pedagogical practices, as a result of the social distance decreed in the pandemic situation of the new coronavirus in the country.

Keywords: Remote Teaching. Information and communication technology. Learning in Remote Teaching. Teaching the English Language.

¹ Licenciada em Pedagogia, pela Universidade de Cuiabá, 1998. Pós-graduada em Educação Especial e Inclusiva, pela Faculdade de Educação São Luís, 2020.

² Licenciado em Pedagogia, pelas Faculdades Integradas de Várzea Grande, 2019. Especialista em Gestão Escolar, pelas Faculdades Impactos Brasil, 2019.

³ Licenciada em Letras, pela Universidade de Várzea Grande, 2013.

⁴ Licenciada em Letras, pela Centro Universitário de Várzea Grande. Pós-graduada em Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Materna e Literatura.

⁵ Licenciada em Pedagogia, Unopar. Especialista em Educação Infantil, Unopar.

INTRODUÇÃO

A pandemia do novo coronavírus proporcionou mudanças no cotidiano das pessoas de todo o mundo, constituiu oportunidades de reflexões sobre as vivências delas na sociedade contemporânea. A educação na pandemia passou a pautar as discussões de especialistas na área, pois o ensino remoto se tornou o caminho para manutenção dos alunos na prática e no aprendizado escolares. O elevado contágio do novo coronavírus impediu milhares de alunos no Brasil e no mundo de frequentarem as salas de aulas. Os desafios do processo educacional se evidenciaram no ensino remoto no país.

Neste contexto, as ferramentas da tecnologia da informação e comunicação são bastante utilizadas para o ensino da Língua Inglesa em escolas particulares, mas a pandemia aprofundou o seu emprego nas escolas públicas. Os professores de Língua Inglesa da educação básica tiveram que adaptar as suas estratégias para o ensino remoto, para promover a aprendizagem dos alunos. Considerada esta abordagem, visualiza-se a seguinte questão problema: Como trabalhar o ensino de Língua Inglesa no formato do ensino remoto?

O objetivo geral deste estudo é discutir sobre a prática de ensino de Língua Inglesa na modalidade de ensino remoto. Os objetivos específicos são os seguintes: contextualizar o desenvolvimento do ensino remoto; compreender o desenvolvimento do processo de aprendizagem dos alunos de educação básica no ensino remoto da educação básica; e, refletir sobre o desenvolvimento do ensino de Língua Inglesa na modalidade de ensino remoto.

O desenvolvimento deste estudo se embasa na importância de se repensar as práticas e pedagógicas e todos os componentes do processo de ensino-aprendizagem neste cenário de pandemia de novo coronavírus. A discussão possibilita a identificação de diversas concepções sobre o tema abordado, apresentadas por especialistas. Além disso, possibilita evidenciar que a tecnologia da informação e comunicação pode ser mais explorada no ensino de Língua Inglesa da educação básica.

Este estudo se qualifica como uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em bases de outras pesquisas identificadas em artigos científicos, livros, monografias, dissertações de Mestrado e teses de Doutorado. Inicialmente, apresentou uma contextualização do desenvolvimento do ensino remoto e os seus devidos aspectos e finalidades. Sequencialmente, promoveu-se a compreensão sobre a aprendizagem dos alunos de educação básica, especificamente na modalidade de ensino remoto. Finalmente, refletiu-se sobre o desenvolvimento do ensino de Língua Inglesa na modalidade de ensino remoto.

2 Ensino remoto

A pandemia do novo coronavírus se desenvolveu em uma abrangência global, se caracterizando por um elevado contágio que proporcionou milhares casos de contaminados e de mortes. O distanciamento social se tornou necessário para evitar um cenário ainda mais agravante desta pandemia, contribuindo para o ensino

remoto emergencial e o trabalho home-office se torna práticas implementadas nas organizações.

Nas escolas, o ensino remoto foi implementado rapidamente, para se evitar o contágio deste vírus e os alunos ficarem sem o aprendizado escolar. A implementação do ensino remoto foi procedida com embasamento na Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020, que estabelece a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do novo Coronavírus (Sars-Cov-2), com a revogação das Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020. A portaria do Ministério da Educação e Cultura é obrigatória para a permissão às secretarias educacionais dos estados e municípios atuarem na implementação do ensino remoto, para manutenção da aprendizagem escolar dos alunos de educação básica.

Freitas, Almeida e Fontenele (2021) identificam que o ensino remoto emergencial evidenciou os desafios e a demanda pela reinvenção de novas práticas docentes, onde inserem os recursos didáticos tecnológicos como ferramentas de apoio na aprendizagem. Segundo estas autoras, os professores tiveram que aprender a interagir por meio do ensino à distância, pois foi retirado o contato direto com o aluno, conseqüentemente, passaram por estranheza e inquietações. Neste contexto de pandemia do novo coronavírus, ficou evidenciado que os professores devem ser preparados para trabalhar a prática docente em contextos de mudanças, para desenvolver as habilidades de flexibilidade e de adaptabilidade.

Rondini, Pedro e Duarte (2020) enfatizam que os professores precisaram transpor conteúdos e realizar a adaptação das aulas presenciais para as aulas on line, sem preparação ou passando por uma preparação superficial e emergencial. As referidas autoras ressaltam que as relações interpessoais proporcionadas pelo ensino presencial é um fator essencial que facilita e enriquece o processo de ensino-aprendizagem, sendo uma condição que os professores sentem falta, apesar das potencialidades dos recursos didáticos tecnológicos aplicados no ensino remoto emergencial.

Valente *et al.* (2020) abordam que o ensino remoto emergencial não é o mesmo que o ensino à distância, pois possuem concepções e estruturas diferentes. Hodges *et al.* (2020) definem que o ensino remoto emergencial consiste na adaptação curricular temporária e no emprego de soluções de ensino integralmente remotas, que possibilitam o desenvolvimento e manutenção das atividades escolares das disciplinas dos cursos. Os referidos autores enfatizam que estas soluções remotas são substituídas pelo ensino híbrido ou presencial a partir do arrefecimento da crise ou emergência. Apesar destas diferenças, o ensino remoto utiliza de alguns recursos didáticos e de algumas metodologias que são aplicadas ao ensino à distância.

Freitas, Almeida e Fontenele (2021) enfatizam que os efeitos no sistema educacional são impactantes e notórios, evidenciou-se que muitas famílias não detêm condições socioeconômicas para proporcionar o suporte necessário aos alunos nas aulas remotas. Rondini, Pedro e Duarte (2020) salientam que os desafios da educação brasileira no contexto de pandemia do novo coronavírus ultrapassam

os fatores da questão de conteúdos programáticos, de critérios e de metodologia do processo avaliativo, todavia abrangem sociais, familiares e econômicas dos alunos de educação básica. Estes desafios demonstram que as políticas públicas educacionais do contexto desta crise pandêmica devem dialogar com as políticas públicas sociais, econômicas e de saúde.

Freitas, Almeida e Fontenele (2021) compreendem que ser professor é viver uma atuação contextualizada em diversos enfrentamentos, pois a sociedade encontra-se cada vez mais exigente em relação à prática docente, mas não se compara às algumas condutas e exigências voltadas para este profissional no contexto pandêmico atual. As referidas autoras contemplam que a autorreflexão docente se constitui aliada aos professores neste contexto, para conseguirem identificar novas possibilidades atuação e pensar sobre suas práticas no processo de ensino-aprendizagem, sem a negação dos desafios e angústias em determinados momentos.

Valente *et al.* (2020) observam a necessidade de investimentos na formação docente permanente dos professores, para o desenvolvimento de uma prática docente embasada na lógica do aprender a aprender, na investigação criativa e na pesquisa. De acordo com estas autoras, os caminhos estão abertos para a ação criativa dos próprios docentes, por meio da construção de seus próprios projetos educacionais, pois o contexto pandêmico não dispõe de modelos já definidos. Neste contexto, evidencia-se espaços de atuação do psicopedagogo em apoio ao trabalho dos professores no processo de ensino-aprendizagem, trabalhando conjuntamente a construção de um processo de ensino-aprendizagem que atenda as demandas de aprendizagem dos alunos e se adeque as especificidades deste período nas escolas.

3. Aprendizagem dos alunos no ensino remoto

A implementação do ensino remoto neste período pandêmico não destituiu a importância em se promover a aprendizagem significativa no processo de ensino-aprendizagem escolar. Hodges *et al.* (2020) visualizam que a compreensão vigente do ensino remoto de emergência separa-o do aprendizado on line, inclusive a sua abordagem rápida potencializa a diminuição da qualidade das aulas ministradas. Os referidos autores identificam algumas considerações necessárias no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem no ensino remoto de emergência: a interrupção da normalidade da vida de todos neste período pandêmico; as dificuldades dos alunos em frequentarem imediatamente o curso; as atividades assíncronas são mais adequadas que as atividades síncronas; e a flexibilização nos prazos de tarefas, nas políticas institucionais e políticas de ensino.

Estes aspectos são trabalhados pelo professor nas práticas pedagógicas, que tiveram de ser readequadas por meio das estratégias de ensino, apoiadas principalmente por recursos didáticos tecnológicos. Cunha, Silva e Silva (2020) destacam a existência das limitações didática e pedagógica do ensino remoto de emergência, que são influenciadas pelas contingências deste contexto pandêmica. Os referidos autores abordam que algumas formas que os professores desenvolvem o ensino ou algumas tecnologias utilizadas não potencializam a aprendizagem,

exigindo a atuação de mediadores domésticos, os familiares, sendo que a maioria deles não sabem aplicar os mecanismos pedagógicos.

Cunha, Silva e Silva (2020) identificam um desgaste mediante o emprego exaustivo de tempo e energia que são exigidos pelo ensino remoto de emergência, contribuindo para resultados menos expressivos que o ensino presencial e, potencialmente, a precarização do ensino. De acordo com estes autores, este contexto não embasa a crença nesse ensino remoto de emergência como alternativa capaz de preencher as expectativas de ensino e aprendizagem dos alunos e dos professores.

Sá, Narciso e Narciso (2020) apontam que a impossibilidade de uma aprendizagem autônoma, mediante ausência de uma mediação direta dos professores. O ensino remoto precisa ser repensado, para garantir a aprendizagem significativa dos alunos da educação básica que se encontram nesta condição de estudos.

Sousa e Moura (2021) enfatizam que o lúdico se destaca no papel de destravar os medos e as incertezas, contribuindo ativamente na aprendizagem dos alunos e facilitando a compreensão deles nas atividades do ensino remoto. A ludicidade destitui o mecanicismo das atividades do ensino remoto, uma condição que se apresenta como impeditiva à construção do conhecimento e, consequentemente, ao desenvolvimento da aprendizagem.

O desenvolvimento do ensino remoto se condiciona às relações de professores e alunos com as tecnologias de informação e comunicação. Sá, Narciso e Narciso (2020) identificam uma linha tênue entre a autonomia e o desalento dos alunos, que se direciona para o aprendizado, um fator bastante vulnerável na educação. As referidas autoras contemplam que o ensino embasado nas tecnologias de comunicação remota evidencia as fragilidades da educação. Essas condições retratam desafios para o professor trabalhar os novos espaços de aprendizagem escolar em um contexto contingenciado, que demanda conhecimentos sobre o desenvolvimento da aprendizagem, que podem ser buscados na Psicopedagogia.

Sousa e Moura (2021) identificam que os professores tiveram que ressignificar sua prática, com a ampliação do olhar lúdico como estratégia para atrair a atenção dos alunos mediante as aulas. Os referidos autores contemplam que a estratégia lúdica possui a finalidade de direcionar os alunos para uma aprendizagem participativa, autônoma e interativa no processo de ensino-aprendizagem. As práticas pedagógicas passam por ressignificação para contemplar as estratégias lúdicas em um contexto de ensino remoto de emergência, alinhando o olhar lúdico com as tecnologias remotas.

Zerbato e Mendes (2018) salientam que as modificações no ato de ensinar se caracterizam como difíceis e complexas na execução, que evidenciam a demanda por uma rede de profissionais de apoio, recursos suficientes, formação e outros aspectos necessários para a execução de um bom ensino. Neste contexto pandêmico, a aprendizagem precisa ser analisada com reflexão e criticidade, para identificar novas estratégias de ensino adequadas à modalidade de ensino remoto, contemplando a ludicidade e as tecnologias da informação e comunicação.

4 Ensino de língua inglesa na modalidade remota

A língua inglesa é um dos componentes curriculares nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio, oportunizando estes alunos entrarem em contato com a língua estrangeira mais importante neste mundo globalizado. Oliveira e Cardoso (2009) indicam que o ensino deve ser visualizado como produção, criação e interação. Os referidos autores complementam que a inovação tecnológica não constitui uma garantia de inovação pedagógica, mas o desenvolvimento tecnológico transforma a aprendizagem, apesar das resistências de instituições de ensino na incorporação de novos materiais e meios. O ensino de língua inglesa demanda a incorporação das ferramentas da tecnologia da informação e comunicação, para se tornarem mais dinâmicas, inovadoras e mais interessantes aos alunos de educação básica.

A definição metodológica do ensino de língua inglesa deve considerar o diagnóstico do desenvolvimento da aprendizagem dos alunos no respectivo componente curricular da educação básica. Rossato (2012) constatou a ocorrência da diferenciação metodológica no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa nos diferentes segmentos educacionais. A referida autora indica que os professores focalizam o ensino na leitura e na escrita, apesar de dominarem a oralidade da língua inglesa. As práticas do ensino escolar da língua inglesa se diferenciam das práticas de ensino dos cursos de idiomas em escolas especializadas.

Micoli (2007) observa que o ensino de língua inglesa não se desenvolve em um vácuo contextual, pois o seu ensino é fortemente marcado pelo apoio da sociedade e da instituição. A referida autora contempla que o ensino de língua inglesa pode ser compreendido como uma complementação entre as experiências indiretas que influenciam as decisões do professor antes de adentrar a sala de aula e as experiências diretas que ocorrem na sala de aula a partir de suas decisões em relação às atividades que irá implementar aos seus alunos. As experiências não destituem a importância da teoria-prática, mas fomentam o planejamento do processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa na educação básica.

A compreensão das experiências no ensino língua inglesa evidencia os prejuízos de aprendizagem e formação neste conhecimento linguístico. Polidório (2014) enfatiza que a língua inglesa não deve ser ensinada como uma forma de aculturação dos alunos, que pode ser visualizada na organização de comemorações de festas típicas de povos desta língua como se fossem brasileiras. De acordo com este autor, o ensino de língua inglesa deve contemplar a estrutura da língua, acompanhada de uma história da sua formação. O aprendizado da língua inglesa significa somente agregar o seu conhecimento, não deve ser utilizado para modificar a identidade do aluno.

Silva (2019) evidencia que o ensino de da língua inglesa pelo viés intercultural ultrapassa o ensino de estruturas linguísticas e se insere no universo das estruturas sociais fundantes da própria língua. Segundo esta autora, o ensino de língua inglesa sob a perspectiva intercultural detém uma ótica de valorização das diferentes experiências e vivências dos alunos, viabilizando a construção do aprendizado desta língua com outros saberes. O ensino da língua inglesa pela

perspectiva intercultural não significa a aculturação dos alunos, mas abrange a compreensão de outras vinculadas a língua inglesa.

A tecnologia da informação e comunicação constitui um amplo conjunto de recursos didático-tecnológicos que podem ser aplicados ao ensino da língua inglesa na educação básica. Gewehr (2016) identificam que as novas tecnologias tratam os problemas da educação, pois permitem um novo conceito de aula, e ainda oportunizam novas formas de comunicação e ampla busca de conteúdo. O referido autor observa que as tecnologias são importantes, mas não são suficientes para resolver as questões da educação básica. As tecnologias são ferramentas de apoio ao aprimoramento das práticas pedagógicas, mas demandam a articulação às estratégias de ensino, que são desenvolvidas no planejamento do processo de ensino-aprendizagem.

Brandalise (2019) abordam que as tecnologias não garantem uma educação democrática, mas possibilita a participação dos alunos no mundo digital e das redes sociais de comunicação, que se constituem condições exigidas na formação e vida de todo o cidadão. De acordo com esta autora, o emprego das tecnologias da informação e comunicação costuma se limitar em atividades pontuais e se encontram desvinculadas do currículo, apesar da inserção e democratização das tecnologias educacionais serem objetos das políticas educacionais. As tecnologias da informação e comunicação precisam transpor as políticas educacionais, para se efetivarem em práticas pedagógicas e nos objetivos do processo de ensino-aprendizagem.

Gewehr (2016) indicam que os professores devem considerar as singularidades de cada aluno como fator determinante no planejamento da utilização das ferramentas da tecnologia da informação e comunicação na condição de recursos didáticos, pois estas podem ser apenas um meio de informação ou um apoio na construção do conhecimento. O objetivo do processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa deve ser o provimento da construção do conhecimento no ensino remoto e, conseqüentemente, a consolidação da aprendizagem significativa dos alunos em tempo de pandemia.

Sousa, Oliveira e Martins (2020) ressaltam que o ensino de língua inglesa na modalidade remota foi implementada de modo emergencial, se defrontando com desafios como limitações do ambiente familiar e do acesso às ferramentas de tecnologia da informação e comunicação. Os referidos autores enfatizam que a inserção de novas tecnologias no ensino de língua inglesa não é garantia de aprendizagem, pois demanda-se o planejamento de um novo fazer, ensinar e aprender, considerando as distintas realidades de alunos e docentes. A realização deste planejamento demanda que os professores sejam capacitados para um novo contexto de ensino de língua inglesa, pois demandam bases para repensar as práticas pedagógicas.

Santos (2021) enfatizam que não se pode reproduzir as práticas do ensino presencial no modelo de ensino emergencial, pois as interações não são as mesmas, a motivação de aprendizagem é muito variável e a participação dos alunos são dificultadas pelo medo do emprego de tecnologias digitais. De acordo com esta

autora, a busca por mais interatividade nas aulas de língua inglesa não é uma garantia de sucesso, pois depende-se da resposta proveniente dos alunos.

A crise no ensino de língua inglesa evidencia a demanda por mudanças nas estratégias de ensino, inclusive na modalidade de ensino remoto que se constitui mais dependente das ferramentas tecnológicas. Santos (2011) ressalta que o ensino vigente da língua inglesa representa uma parte da crise na educação brasileira. A referida autora identifica que a grande maioria dos alunos ainda não tiveram a oportunidade de participação em cursos de leitura, que possibilitem o acesso para treinamento estratégico, ensino planejado de vocabulário, instruções sobre como explorar um dicionário bilíngue, textos que contribuam para seu conhecimento enciclopédico e enriquecimento cultural, um ensino que favorecesse o desenvolvimento da competência comunicativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino remoto emergencial foi implementado nas escolas em todos o país, fundamentando-se na legislação. A implementação deste modelo de ensino foi realizada pela necessidade de se garantir a manutenção da aprendizagem dos alunos de educação básica durante o período da pandemia no país. Evidenciou-se a demanda por renovações das práticas pedagógicas, com a utilização de ferramentas tecnológicas como apoio no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Os professores tiveram que adaptar as aulas ao ensino remoto emergencial, com a ausência de relações interpessoais. O ensino remoto emergencial se embasa integralmente em soluções remotas e em estruturas temporárias.

No desenvolvimento do ensino remoto, identificou-se os problemas sociais, familiares e econômicos que envolveram os alunos durante a pandemia. A atuação do professor foi contextualizada com o cotidiano pandêmico, demandando a autorreflexão dos professores sobre as práticas docente e as suas vivências no ensino remoto emergencial. Os investimentos na formação docente dos professores se fazem necessário para aprimoramento das práticas pedagógicas, inclusive em contextos pandêmicos. O psicopedagogo possui o papel de orientar o professor e acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos neste contexto.

Na aprendizagem dos alunos no ensino remoto emergencial, não se pode ignorar as limitações didática e pedagógica. Os mediadores domésticos tomaram um papel no processo de ensino-aprendizagem, apesar de nem sempre eles detêm capacidades para mediar a aprendizagem dos alunos.

A ludicidade se apresenta como uma metodologia aplicável no ensino remoto emergencial, rompendo o mecanicismo das soluções remotas e facilitando a aprendizagem dos alunos. No ensino remoto, identifica-se o desalento que pode ser tratado com atividades lúdicas. O conhecimento psicopedagógico proporciona caminhos para desenvolver atividades que promovam a aprendizagem no ensino remoto emergencial, inclusive se utilizando olhar lúdico.

O ensino de língua inglesa envolve uma abordagem construtiva de conhecimento, que contempla as ações de produção, criação e interação. A inovação tecnológica proporciona mudanças no processo de ensino-aprendizagem da língua

inglesa, mas não significa inovação pedagógica. As resistências ao uso dos recursos didáticos-tecnológicos proporcionam dificuldades na promoção de inovações da aprendizagem da língua inglesa. As diferenciações metodológicas são evidenciadas no ensino de língua inglesa da educação básica, por influência de fatores internos e externos.

O apoio da sociedade e da instituição é fundamental para o desenvolvimento do ensino de língua inglesa. As experiências influenciam a definição das práticas pedagógicas a serem aplicadas no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa na educação básica. O ensino de língua inglesa deve ser visualizado como um conhecimento agregado à formação do aluno, sem visualizar a aculturação, mas reconhecendo a cultura nacional. A abordagem intercultural reconhece as estruturas das línguas e as estruturas sociais, valorizando as diferentes experiências e vivências dos alunos. O aprendizado da língua inglesa é viabilizado por outros saberes, embasando-se na abordagem intercultural.

Desta maneira, conclui-se que o ensino de língua inglesa na modalidade ensino remoto passou por modificações em suas práticas pedagógicas, em decorrência do distanciamento social decretado na situação pandêmica do novo coronavírus no país. A tecnologia da informação e comunicação é essencial para promover as práticas pedagógicas do ensino de língua inglesa na modalidade remota. Apesar disso, o ensino de língua inglesa nas escolas de educação básica ainda se manteve distante do ensino desta língua em escolas idiomas, em termos de estratégias de ensino e de recursos didáticos.

REFERÊNCIAS

BRANDALISE, Mary Ângela Teixeira. Tecnologias de informação e comunicação nas escolas públicas paranaenses: avaliação de uma política educacional em ação. **Educação em Revista**, v. 35, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/PctQH3S3SsrCNkCTbwQWcyH/?lang=pt&format=html>>. Acesso em 30 de março de 2022.

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo**, v.7, n.3, agosto de 2020. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/40014>>. Acesso em 30 de março de 2022.

FREITAS, Ana Célia Sousa; ALMEIDA, Nadja Rinelle Oliveira de; FONTENELE, Inambê Sales. Fazer docente em tempos de ensino remoto. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 3, p. 1-11, 2021. Acesso em 30 de março de 2022.

GEWEHR, Diógenes. **Tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) na escola e em ambientes não escolares**. 2016. 135f. Dissertação (Mestrado em Ensino), Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, 2016.

HODGES, Charles et al. As diferenças entre o aprendizado online e o ensino remoto de emergência. **Revista da escola, professor, educação e tecnologia**, v. 2, 2020. Disponível em: <<https://escribo.com/revista/index.php/escola/article/view/17>>. Acesso em 30 de março de 2022.

MICCOLI, Laura. Experiências de professores no ensino de língua inglesa: uma categorização com implicações para o ensino e a pesquisa. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 10, n. 1, p. 47-86, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15650>>. Acesso em 30 de março de 2022.

OLIVEIRA, Susana Alexandra; CARDOSO, Eduardo Luís. Novas perspectivas no ensino da língua Inglesa: blogues e podcasts. **Educação, Formação & Tecnologias- ISSN 1646-933X**, v. 2, n. 1, p. 87-101, 2009. Disponível em: <<http://eft.educom.pt/index.php/eft/article/view/66>>. Acesso em 30 de março de 2022.

POLIDÓRIO, Valdomiro. O ensino de língua inglesa no Brasil. **Travessias**, v. 8, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://saber.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/10480>>. Acesso em 30 de março de 2022.

RONDINI, Carina Alexandra; PEDRO, Ketilin Mayra; DUARTE, Cláudia dos Santos. Pandemia do Covid-19 e o ensino remoto emergencial: Mudanças na práxis docente. **Interfaces Científicas-Educação**, v. 10, n. 1, p. 41-57, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9085>>. Acesso em 30 de março de 2022.

ROSSATO, Viviane. As diferentes metodologias de ensino da língua inglesa em diferentes segmentos de ensino. **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 3, n. 1, p. 589-598, 2012. Disponível em: <<https://scholar.archive.org/work/xjlgqx5iijgqdlwww5743attkq/access/wayback/http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/562/369>>. Acesso em 30 de março de 2022.

SÁ, Adrielle Lourenço; NARCISO, Ana Lucia do Carmo; NARCISO, Luciana do Carmo. Ensino remoto em tempos de pandemia: os desafios enfrentados pelos professores. In: Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online, 2020. **Anais**. Carangola: UEMG.

SANTOS, Eliana Santos de Souza *et al.* O ensino da língua inglesa no Brasil. **BABEL: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras**, v. 1, n. 1, p. 39-46, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/babel/article/view/99>>. Acesso em 30 de março de 2022.

SANTOS, Elaine Maria. O ensino remoto emergencial e o uso de recursos digitais em aulas de língua inglesa. **Ilha do Desterro**, v. 74, p. 145-160, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ides/a/PjyhRfvKyvCq49rnHJTTjKK/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 30 de março de 2022.

SILVA, Flavia Matias da. O ensino de língua inglesa sob uma perspectiva intercultural: caminhos e desafios. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 58, p. 158-176, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tla/a/4xfG8MrF5LP6bP78G5z65h/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 30 de março de 2022.

SOUSA, Carlos Henrique Andrade de; OLIVEIRA, Francisco Thiago Chaves de; MARTINS, Elcimar Simão. Ensino de língua inglesa e cultura digital em tempos de pandemia: o desafio de superar o curto espaço de tempo entre o dito e o vivido. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 4, n. 3, p. 141-160, 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/53901>>. Acesso em 30 de março de 2022.

SOUSA, Francisco Vando Pacheco; MOURA, Andréa Sales Braga. O lúdico como instrumento metodológico no ensino remoto. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 4, p. 1-10, 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6397>>. Acesso em 30 de março de 2022.

VALENTE, Geilsa Soraia Cavalcanti *et al.* O ensino remoto frente às exigências do contexto de pandemia: Reflexões sobre a prática docente. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, 2020. Disponível em: <<https://www.rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/8153>>. Acesso em 30 de março de 2022.

ZERBATO, Ana Paula; MENDES, Enicéia Gonçalves. Desenho universal para a aprendizagem como estratégia de inclusão escolar. **Educação Unisinos**, v. 22, n. 2, p. 147-155, 2018. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/jatsRepo/4496/449657611004/449657611004.pdf>>. Acesso em 30 de março de 2022.